

RESUMO: A não ser que queira flertar com o perigoso risco do fundamentalismo, o cristianismo, como religião na História, deve abrir-se ao diálogo com o contexto cultural no qual está inserido: esse é o pano de fundo desta pesquisa. O desajuste reflexivo teológico, ou seja, a inadequação entre o que se escreve teologicamente e o contexto cultural em que estão situados esses escritos, tolerável há alguns séculos, uma vez que não se verificava um destoar dessas formas reflexivas na cultura ambiental, na modernidade, contudo, provocou uma tensão que se foi tornando insuportável, podendo ser mortal no alvorecer do século XXI! Foi “tardia” a passagem católico-cristã da Antigüidade à modernidade. O adágio exclusivista – *Extra ecclesiam nulla salus* – vigorou oficialmente na Igreja católica e praticamente em sua reflexão teológica até o Concílio Vaticano II. Desde a Contra-Reforma até esse evento conciliar, o catolicismo e sua reflexão teológica seguiram rechaçando as exigências modernas. Após o concílio, em meio a avanços e retrocessos, abriu caminho na reflexão teológica católico-cristã, com base no inclusivismo conciliar, vertente reflexiva “aberta” às exigências modernas relacionadas à pluralidade religiosa do mundo, culminando na proposição de um pluralismo de princípio (de *iure*), segundo o qual o pluralismo religioso existente de fato no mundo é algo desejado por Deus, faz parte de seus planos para a humanidade. Tais reflexões, ao mesmo tempo em que respondiam aos desafios antropocêntricos modernos, percebiam, sob o processo de globalização em marcha, a aproximação dos novos ventos culturais da pós-modernidade. As primeiras aproximações reflexivas teológicas a esse novo contexto cultural, iniciais tentativas de respostas diretas às exigências pós-modernas, são encetadas por Hans Küng (propõe, em 1990, um novo macroparadigma: ético mundial), Andrés Torres Queiruga (propõe, em 2000, um novo paradigma teológico: Deus está sempre aqui) e John Hick (propõe,

* Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2004, sob orientação do prof. Dr. Faustino Teixeira.

em 1993, um novo paradigma teológico: pluralista); Roger Haight, por seu lado, dispõe-se a fazer uma teologia em diálogo com essa nova realidade. De maneira geral, é bastante sensível a abertura desses autores às exigências pós-modernas; nos três primeiros, ela se faz ainda de forma atrelada aos pilares da modernidade, enquanto em Roger Haight ela se mostra mais afeita ao contexto pós-moderno. A tese central de Haight, com base na qual surgem todos os desdobramentos de sua reflexão, pode ser expressa na afirmação: para os cristãos, Jesus é o símbolo concreto de Deus. Suas reflexões vão no sentido de que os cristãos hoje podem relacionar-se com Jesus como normativo da verdade religiosa acerca de Deus, do mundo e da existência humana, convictos, ao mesmo tempo, de que também existem outras mediações religiosas que são verdadeiras e, portanto, normativas. Essa é a concepção normativa, mas não constitutiva de Jesus Cristo.

Esta pesquisa enxergou a ligação entre a reflexão de Haight e as exigências pós-modernas e aqui a apresenta, no sentido de uma teologia cristã católica; nesse caso, especificamente, valendo-se desse autor, que se está movendo em direção ao atual contexto cultural, ensaiando formas de diálogo frutífero com ele.